

Setembro 2025

CARTA MENSAL



BNP PARIBAS
ASSET MANAGEMENT

O investidor
sustentável para um
mundo em mudança



- Gilberto Kfour Jr. -

CIO BNP Paribas Asset Management Brasil

// Caros leitores,
É com grande satisfação que apresentamos a edição deste mês da nossa Carta Mensal. Neste documento nossa equipe de gestão compartilha sua visão sobre os principais acontecimentos do mercado e suas perspectivas diante de um mundo em mudança.
Agradecemos pela confiança depositada em nosso trabalho e esperamos que essa carta contribua para sua compreensão do atual cenário de investimentos.

Atenciosamente,

Gilberto Kfour Jr.
Chief Investment Officer
BNP Paribas Asset Management Brasil

//



ECONOMIA



- Andressa Castro -

Economista-chefe

// **MAIS DETALHADAMENTE, OS ÚLTIMOS DADOS DIVULGADOS DE MERCADO DE TRABALHO APONTAM PARA UM REEQUILÍBRIO, APÓS ANOS DE SUPERAQUECIMENTO. PELA PRIMEIRA VEZ DESDE O FINAL DE 2017, O NÚMERO DE DESEMPREGADOS SUPEROU O NÚMERO DE VAGAS EM ABERTO.** //

ECONOMIA INTERNACIONAL

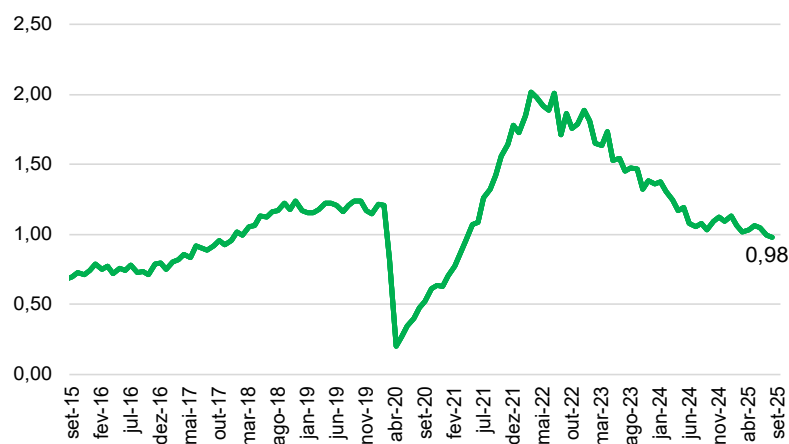
Nesse último mês e início de outubro, o dólar não apresentou grandes tendências em relação aos pares, apesar do movimento de fechamento das taxas de juros diante da retomada do ciclo de cortes de juros pelo Federal Reserve (Fed). Notamos, portanto, uma cessão do movimento de enfraquecimento do dólar que vinha ocorrendo desde o início do ano, por conta do desmonte de posições não “hedgeadas” de investidores estrangeiros.

Ainda assim, visualizamos um cenário global benigno para ativos de risco. No âmbito político americano, Trump interrompeu a escalada da guerra comercial contra a maioria dos países, dando lugar a negociações. No âmbito econômico, o mercado de trabalho americano tem dado sinais de enfraquecimento, abrindo espaço para a queda de juros adotada pelo Fed.

Mais detalhadamente, os últimos dados divulgados de mercado de trabalho apontam para um reequilíbrio, após anos de superaquecimento. Pela primeira vez desde o final de 2017, o número de desempregados superou o número de vagas em aberto. Apesar de estar em um patamar ainda baixo, a taxa de desemprego começou a se elevar e a expectativa é que esse movimento continue - de forma suave - diante da redução significativa na criação de emprego nos últimos meses, com a média de 3 meses rodando em 29 mil. Observamos, portanto, um certo esgotamento do mercado de trabalho, com a contribuição de fatores como as restrições à imigração e cortes de cargos do governo federal para o arrefecimento do emprego.

Gráfico 01

EUA: Razão entre vagas abertas e desempregados



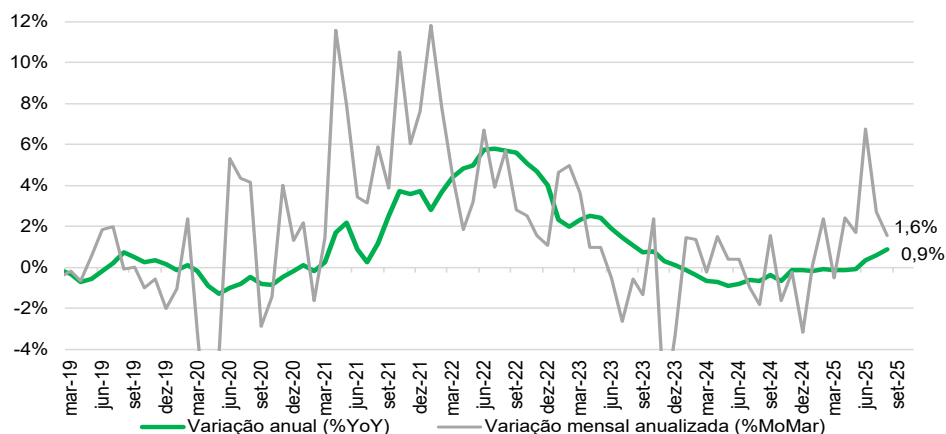
Fonte: Bureau of Labor Statistics. Elaboração: BNPP AM Brasil. Atualizado em setembr/2025.

Tal enfraquecimento do mercado de trabalho levou à uma mudança no balanço de riscos no cenário

considerado pelo Fed para tomar as decisões de política monetária. Ao mesmo tempo em que se elevou o risco de desvio do pleno emprego, o risco inflacionário reduziu, diante de leituras de dados de inflação menos pressionadas que o temido, com impactos mais moderados das tarifas sobre a inflação de bens.

Gráfico 02

EUA: Índice de preços ao consumidor (CPI) - núcleo de inflação de bens ex-carros



Fonte: Bureau of Labor Statistics. Elaboração: BNPP AM Brasil. Atualizado em setembro/2025.

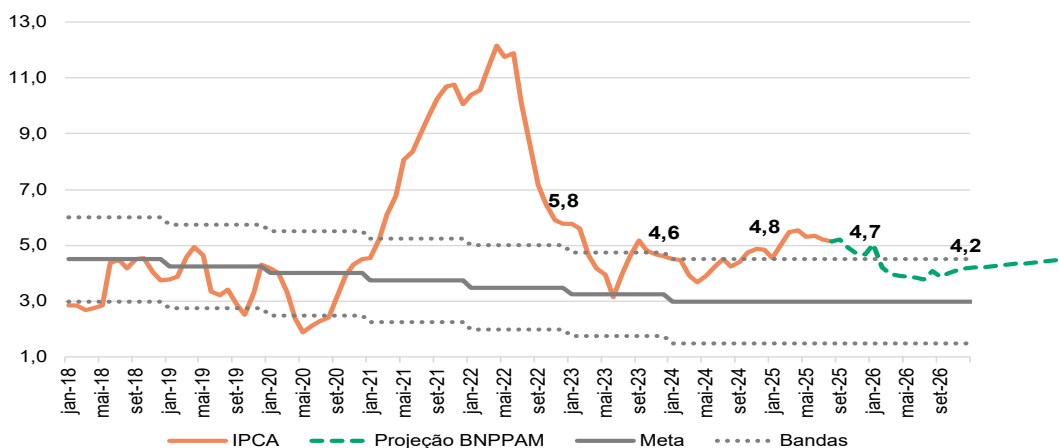
Ambos os desdobramentos levaram o Fed a retomar o ciclo de corte de juros, que estava em pausa desde janeiro, reduzindo a taxa de juros em 25 bps em sua última reunião. Além disso, a mediana das projeções dos membros do comitê aponta para mais dois cortes de juros esse ano, considerados uma espécie de "seguro" contra uma possível desaceleração mais aguda da economia. Na nossa visão, essa redução na taxa de juros americana reduz o carregamento do dólar e poderia contribuir para abertura de espaço para cortes de juros em outras economias, incluindo o Brasil.

ECONOMIA BRASILEIRA

Do lado doméstico, o carregamento advindo dos 15% de taxa Selic continua favorecendo o real. No acumulado do ano, o real ainda é das moedas de melhor performance frente aos pares, com uma valorização próxima a 16% no ano. Incorporamos essa melhora cambial no nosso cenário de inflação, e reduzimos nossas projeções para 4,7% no fechamento deste ano e para 4,2% no fim de 2026. Outro fator importante para essa revisão foi a melhora das expectativas de inflação, inclusive para horizontes mais longos, com a mediana do Focus de 2027 e 2028 reduzindo em 10bps ao longo dos últimos meses, além das revisões mais significativas das expectativas de inflação de curto prazo.

Gráfico 03

Inflação (IPCA YoY %)

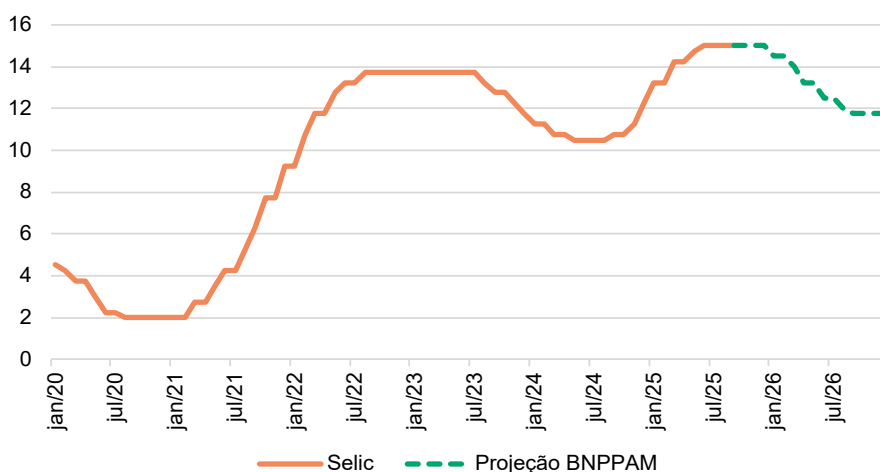


Fonte: IBGE. Estimativas e elaboração: BNPP AM Brasil. Atualizado em setembro/2025.

// NAS CONDIÇÕES ECONÔMICAS ATUAIS, NÃO VISUALIZAMOS ESPAÇO PARA INICIAR O CORTE DE JUROS JÁ ESSE ANO. RECONHECEMOS QUE A PRÓPRIA COMUNICAÇÃO DO BC TANTO NO COMUNICADO DA ÚLTIMA REUNIÃO, QUANTO EM SUAS PROJEÇÕES DE INFLAÇÃO DIVULGADAS NO RELATÓRIO DE POLÍTICA MONETÁRIA, AFASTOU A POSSIBILIDADE DE UM ADIANTAMENTO. //

Sob esse pano de fundo, também revisamos nossas projeções de política monetária, adiantando o início do ciclo de corte de juros para janeiro, com um corte de 50bps. Além disso, vislumbramos a execução de um ciclo total de cortes de 325bps, com o Banco Central (BC) levando a taxa de juros para 11,75%. Acreditamos que esse nível de taxa de juros ainda é considerado restritivo e necessário para evitar que a inflação reacelere para cima do limite de tolerância da meta (4,5%).

Gráfico 04
Taxa Selic (%)



Fonte: Banco Central do Brasil e projeções BNPP AM. Atualizado em setembro/2025.

Nas condições econômicas atuais, não visualizamos espaço para o início do corte de juros já esse ano. Reconhecemos que a própria comunicação do BC tanto no comunicado da última reunião quanto em suas projeções de inflação divulgadas no relatório de política monetária, afastou a possibilidade de um adiantamento. Portanto, o início do ciclo em janeiro nos parece mais apropriado, diante de uma economia em desaceleração, mas com mercado de trabalho resiliente e inflação de serviços ainda elevada.

No âmbito fiscal, a Câmara dos Deputados aprovou o texto da reforma do imposto de renda que eleva o piso de isenção para pessoas que ganham até 5 mil reais, com compensações de receita para cobrir o custo de R\$ 31 bi do projeto. O projeto ainda será votado no Senado, mas a expectativa é de uma tramitação célere e sem grandes mudanças. Embora esse projeto seja fiscalmente neutro (segundo as contas do relator), acreditamos que trará um impulso positivo de renda para os novos isentos a partir do ano que vem, impactando o crescimento do PIB em +0,3 p.p.. Esse efeito já havia sido incorporado nas nossas contas de PIB para 2026 e, por isso, esperamos um crescimento de 2%, além de considerarmos outros fatores de sustentação da demanda como o início do afrouxamento monetário, o reajuste do salário mínimo e mercado de trabalho robusto. Novos impulsos fiscais por conta das eleições entram como risco em nosso cenário, tanto para o crescimento quanto para a inflação, além de piorar ainda mais a sustentabilidade da dívida.

RENDA FIXA E MULTIMERCADO



- Michael Kusunoki -

Head Renda Fixa & Multimercados

// ANTES, IMAGINÁVAMOS QUE A EVOLUÇÃO DO CENÁRIO AO LONGO DESSE FINAL DE ANO SERIA SUFICIENTE PARA QUE A SELIC CAÍSSE EM JANEIRO. MAS DIANTE DA POSTURA HAWKISH DO BC, MESMO EM UMA CONJUNTURA MAIS BENIGNA, LEVA-NOS CRER QUE TALVEZ NÃO BASTE A SIMPLES EVOLUÇÃO DO CENÁRIO CORRENTE. //

Cortes Postergados

É o resultado da última reunião do Copom (Comitê de Política Monetária). Em nossa avaliação, havia uma conjuntura que permitiria ao BC cortar a Selic no início de 2026: câmbio mais valorizado, inflação corrente benigna e expectativas cedendo, atividade econômica mais fraca e, por fim, Fed cortando juros. Parecia um script claro para um afrouxamento da política monetária legítimo, regular, condizente com o ciclo econômico. Não para o BC. A falta de reconhecimento de melhora foi um dos pontos duros da última ata do Copom, que revelou também uma projeção de inflação estável em 3,4% no 1º trimestre de 2027, mesmo com queda do dólar e melhora do Focus. Na prática, o BC disse que se ele praticar os cortes que os economistas embutem em suas projeções, a inflação não cederá, ou seja, a Selic precisa ficar alta por mais tempo.

Vemos implicações importantes sobre nossas premissas de investimento. Antes, imaginávamos que a evolução do cenário ao longo desse final de ano seria suficiente para que a Selic caísse em janeiro. Mas diante da postura *hawkish* do BC, mesmo em uma conjuntura mais benigna, leva-nos crer que talvez não baste a simples evolução do cenário corrente. Quando o BC sinalizou o plano de Selic estável por bastante tempo em junho passado, janeiro de 2026 estava distante o bastante para diluir o poder retórico do BC na precificação da curva, ou melhor, a realidade dos fatos ou o peso dos indicadores econômicos seria maior. Mas agora, janeiro está perto o bastante para que a voz do dono da bola seja predominante sobre o futuro da Selic. Dito de outra maneira, o tempo está ficando escasso para que eles preparem o terreno para cortes, ainda mais considerando que acabaram de caminhar para o lado oposto, endurecendo adicionalmente o discurso. O cenário de corte mais cedo ficou mais difícil, requer informação nova, um câmbio em 5,00, alguma disruptura na atividade econômica, ou algo do tipo.

O afrouxamento virá, mas o timing ficou incerto. Poderemos ter um ciclo tardio e possivelmente mais longo. Em termos de mercado, existem algumas consequências importantes. Primeiro que a parte curta perde atratividade, pois é muito dependente do momento em que inicia o ciclo. Fica mais "seguro" apostar no orçamento total de queda do que prever quando ela acontecerá. Segundo ponto é que diminui apetite por NTN-Bs, à medida que a tendência é vermos mais queda da inflação implícita. Por fim, o BC tira o momentum positivo dos juros, já que há uma propensão dos agentes postergarem posições aplicadas.

CRÉDITO PRIVADO



- Henri Rysman
de Lockerente -

Head de Crédito Privado

// SETORIALMENTE, A ALOCAÇÃO EM TÍTULOS DE CRÉDITO BANCÁRIO SEGUE COM BASTANTE FORÇA, FATO QUE SE DEVE À REDUÇÃO DO DIFERENCIAL DE PRÊMIO DE RISCO ENTRE OS ATIVOS DOS BANCOS E OS ATIVOS CORPORATIVOS NÃO FINANCEIROS. //

O mercado de crédito continua resiliente, com os fundos de crédito privado registrando uma captação líquida novamente positiva. As emissões no mercado primário registraram R\$ 66 bi em títulos de crédito, com o percentual distribuído de 62% (*versus* 59% em agosto de 2025). O mercado secundário manteve o crescimento recente dos últimos meses, e atingiu o seu maior valor da série histórica, somando R\$ 123,2 bi. Este que foi impulsionado principalmente pela demanda por ativos não incentivados.

No segmento de papéis não isentos atrelados ao CDI, a média simples dos spreads de crédito se manteve relativamente estável, apresentando uma leve abertura. No mercado de IPCA, os spreads apresentaram fechamento e seguiram em níveis abaixo das NTN-Bs de referência, reflexo da forte demanda para a classe e da expectativa do mercado em relação à alteração e aprovação da Medida Provisória 1.303/2025 (ainda sob análise pelo Congresso). O texto original previa a tributação de todos os ativos hoje isentos (LCI/A, CRI/A, debêntures incentivadas, etc) a alíquota de 5%, e a nova redação proposta mantém isenção nos CRI/As e debêntures incentivadas e, como compensação, aumenta a alíquota proposta para as LCI/As e LIGs de 5% para 7,5%. Mesmo diante desse cenário atual com os baixos níveis de spread de crédito sobre as NTN-Bs, a demanda para os papéis incentivados segue forte, explicada pela questão do benefício tributário dessa classe de ativos e pelo nível alto das taxas de juros reais.

Para as nossas carteiras de crédito privado que investem primordialmente em ativos indexados ao CDI, continuamos as alocações em ativos com prazo até 36 meses, de forma muito seletiva, e com atuação maior no mercado secundário. Setorialmente, a alocação em títulos de crédito bancário segue com bastante força, fato que se deve à redução do diferencial de prêmio de risco entre os ativos dos bancos e os ativos corporativos não financeiros. Dessa forma, buscamos manter a nossa alocação em ativos de crédito com os prazos médios das carteiras dentro das faixas que estabelecemos, otimizando da melhor forma a relação risco-retorno. Seguimos estrategicamente cautelosos e atuando de modo mais conservador em decorrência dos seguintes riscos percebidos: a incerteza sobre a política fiscal e a execução orçamentária no Brasil, a volatilidade trazida pelas políticas adotadas pelo governo Trump e o rumo da política monetária dos EUA e do Brasil.

Na nossa estratégia de infraestrutura, a alocação em risco IPCA está próxima dos 90%. O prazo médio da carteira é superior ao IMA-B5 em função da menor alocação em títulos até 2025 e maior alocação em títulos no meio da curva, de 2026 até 2030. Acreditamos que os ativos indexados à inflação com uma duration intermediária oferecerão uma ótima oportunidade de diversificação. Pontuamos mais uma vez que o nível atual dos spreads para os ativos em IPCA, mesmo que menores que os observados no início de 2024, associado ao nível ainda elevado da curva de juros real, torna os ativos de infraestrutura atraentes.

RENDA VARIÁVEL



- Marcos Kawakami -

Head Renda Variável

// GRANDE PARTE DESSE IMPULSO VEM DOS LUCROS CORPORATIVOS, QUE FORAM DIVULGADOS AO LONGO DESSES TRÊS MESES E APRESENTARAM RESULTADOS SUPERIORES ÀS PROJEÇÕES; A FORÇA DOS RESULTADOS, ALIADA À PERSPECTIVA DE UM AMBIENTE DE JUROS MENOS RESTRITIVO, FOI SUFICIENTE PARA SUSTENTAR O OTIMISMO DOS INVESTIDORES. //

O mês de setembro marcou um ponto de inflexão relevante na política monetária dos Estados Unidos. Em sua reunião mais recente, o Fed reduziu a taxa básica em 25 pontos-base, iniciando, assim, o ciclo de flexibilização que há muito se aguardava. A consequência imediata foi a retomada do apetite ao risco, refletida em ganhos expressivos nas bolsas norte-americanas – o S&P 500 encerrou o mês em alta de +4,3% – e, em cascata, nas principais bolsas globais (MSCI World +3,04%, MSCI Emerging Markets +4,40%).

No setor de commodities, o petróleo apresentou um mês mais negativo com queda de 2,56% e o minério de ferro permaneceu praticamente nos mesmos patamares do mês anterior.

No Brasil, o Ibovespa apresentou performance positiva de 3,4%, já o Small Caps apresentou performance aquém do Ibovespa com alta de 1,58% no mês. Ao longo do mês, o debate sobre a trajetória da política monetária ganhou novo contorno, influenciado não só pela decisão americana, mas também pela desaceleração do crescimento econômico que temos observado recentemente – por conta da pressão sobre as condições de crédito e da queda nas vendas do varejo – e pela desaceleração das projeções de inflação do Focus nos horizontes mais longos.

Um outro elemento que tem se destacado nos últimos três meses é a estabilidade do dólar americano em relação ao real, medida pelo índice DXY. O DXY tem se mantido em um canal lateral, o que tem permitido que o real continue negociado em patamares favoráveis, sustentado, sobretudo, pelo carry-trade – investidores que buscam retorno em moedas de juros mais altos ainda encontram no real um “porto seguro” relativo, mantendo a cotação estável apesar das oscilações globais. Paralelamente, o contrato futuro de DI de longo prazo tem acompanhado a mesma lateralidade, refletindo incertezas quanto à política fiscal de médio prazo e uma curva de juros americana também pressionada no longo prazo, quando comparada aos prazos mais curtos.

Esses fatores combinados contribuíram para que a bolsa brasileira registrasse uma trajetória de alta consistente nos últimos três meses. Grande parte desse impulso vem dos lucros corporativos, que foram divulgados ao longo desses três meses e apresentaram resultados superiores às projeções; a força dos resultados, aliada à perspectiva de um ambiente de juros menos restritivo, foi suficiente para sustentar o otimismo dos investidores.

Dois cenários merecem nossa atenção. Primeiro: um movimento mais acentuado de queda no DXY poderia acelerar a valorização do real, levando a uma queda mais acentuada na inflação local e consequentemente um adiantamento do ciclo de corte de juros pelo banco central brasileiro. Segundo: a possibilidade de um enfraquecimento mais significativo no mercado de trabalho dos Estados Unidos. Isso refletiria em uma economia americana mais fraca que o esperado e poderia levar o Fed a aumentar o total do ciclo de cortes na taxa de juros, numa tentativa de estimular a demanda interna.

Além desses fatores macroeconômicos, há um elemento político que tem gerado considerável

atenção nos mercados locais: a eleição presidencial. Recentemente, surgiram discussões sobre a indicação do governador Tarcísio de Freitas pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. As notícias têm alterado a probabilidade de Tarcísio ser eleito, aumentando a volatilidade nos mercados.

Nesse sentido, mantemos nossa estratégia de alocação equilibrada, priorizando empresas de alta qualidade – aquelas com balanços sólidos, boa governança e margens consistentes – ao mesmo tempo em que buscamos diversificar entre setores que se beneficiam tanto de um ambiente de juros mais baixos quanto de fluxos de capital internacional. A seleção de companhias que apresentam dividendos estáveis reforça a proteção contra eventuais oscilações de preço, enquanto a exposição a setores com potencial de crescimento, como tecnologia, consumo discricionário e infraestrutura, nos posiciona para captar ganhos adicionais caso o ritmo de cortes de juros se acelere.

Continuaremos acompanhando de perto os indicadores de emprego dos EUA, o comportamento do índice DXY, as reuniões do BC e, claro, os desdobramentos do processo eleitoral brasileiro. Cada um desses elementos tem o potencial de provocar ajustes nas expectativas de risco e, conseqüentemente, de influenciar a performance de nossos portfólios. A vigilância constante nos permite agir de forma ágil, preservando o alinhamento entre suas metas de longo prazo e o perfil de risco aceito.

FUNDO DE FUNDOS



- João Uchoa Borges -

Head Fundo de Fundos

// APESAR DO AMBIENTE EXTERNO MAIS FAVORÁVEL, A POLÍTICA INTERNA PERMANECEU COMO FONTE DE INCERTEZA: O DEBATE ELEITORAL INTENSIFICADO E AS DÚVIDAS SOBRE O QUADRO FISCAL ELEVARAM A PERCEPÇÃO DE RISCO, LIMITANDO O POTENCIAL DE VALORIZAÇÃO DOS ATIVOS BRASILEIROS.



Em setembro, o Fed reduziu a taxa básica de juros em 0,25 ponto percentual – decisão já amplamente antecipada pelos mercados – confirmando o início do ciclo de flexibilização monetária nos Estados Unidos e sinalizando a possibilidade de novos cortes ainda ao longo do ano. Na mensagem ao público, o comitê destacou que a economia americana apresenta sinais de moderação do crescimento e arrefecimento no mercado de trabalho, embora a inflação permaneça acima da meta de 2%. Vale observar que, pela segunda vez consecutiva, a votação não foi unânime: um membro dissidente defendeu um corte maior de 0,50 ponto percentual, revelando divergências internas quanto ao grau de fragilidade da economia.

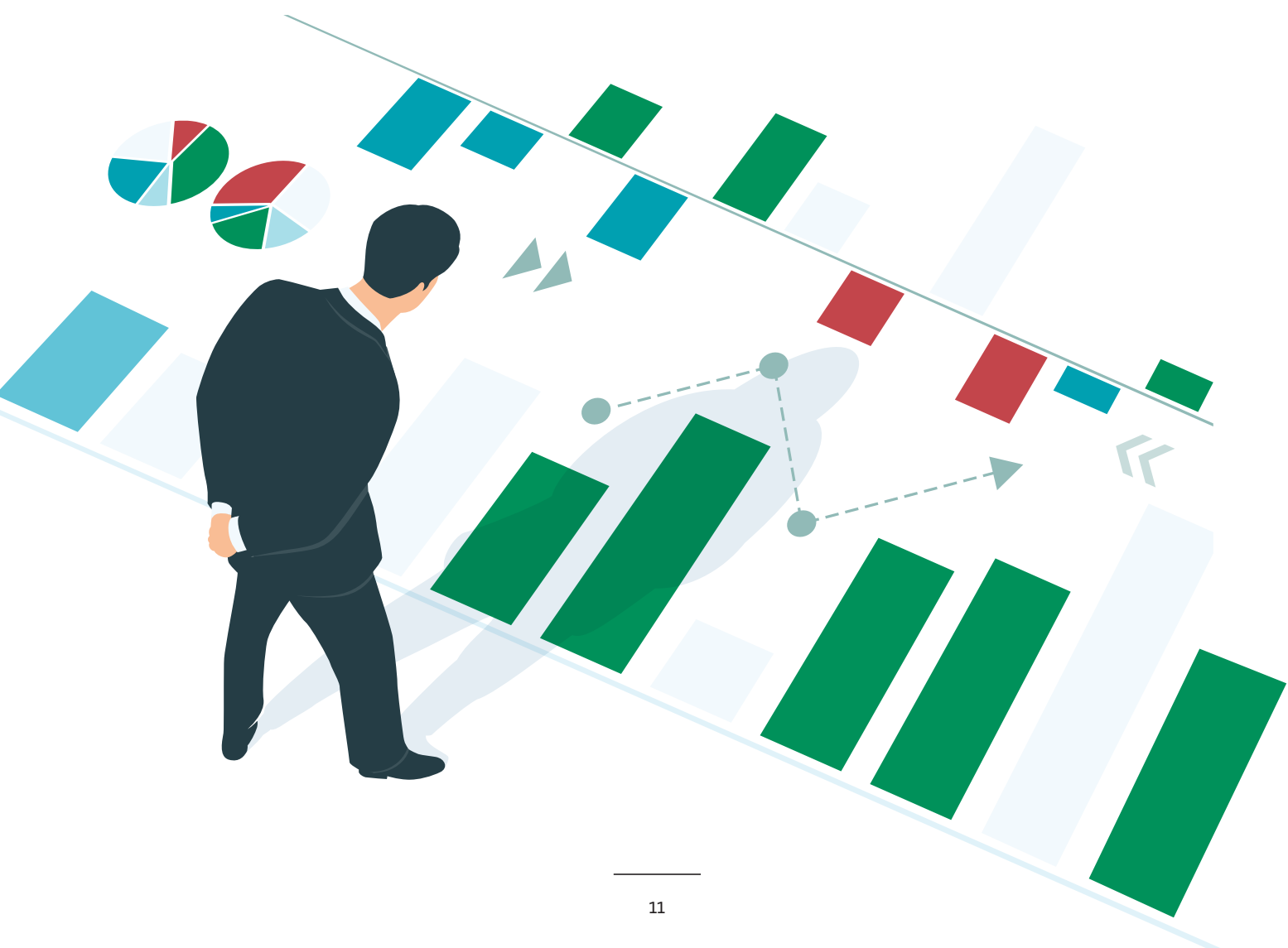
No Brasil, a inflação continuou em trajetória de alívio, reforçando a expectativa de que o ciclo de cortes da Selic só se inicie em 2026. O real manteve-se relativamente firme ao longo do mês e o Ibovespa atingiu, pela primeira vez, a marca de 147 mil pontos. Ambos os movimentos foram impulsionados pela fraqueza do dólar global e pela entrada de fluxos estrangeiros em ativos de risco, o que também contribuiu para melhorar as perspectivas inflacionárias.

Apesar do ambiente externo mais favorável, a política interna permaneceu como fonte de incerteza: o debate eleitoral intensificado e as dúvidas sobre o quadro fiscal elevaram a percepção de risco, limitando o potencial de valorização dos ativos brasileiros.

Os resultados de setembro mantiveram a trajetória positiva observada em agosto. Setembro consolidou a mudança de regime no cenário global ao marcar o início oficial do ciclo de cortes do Fed. Esse movimento abre espaço para maior apetite ao risco em mercados emergentes e cria um ambiente mais propício aos ativos brasileiros. Contudo, os desafios internos – sobretudo as incertezas políticas e fiscais – continuam exigindo cautela. Seguiremos monitorando atentamente os desdobramentos, mantendo o foco na preservação de capital e na busca seletiva por oportunidades.

ÍNDICES

	CDI	IRF-M	IMA Geral	IMA-B	IMA-B 5	Dólar	Ibovespa	IBX	SMLL
Setembro	1,22%	1,26%	1,05%	0,54%	0,66%	-1,99%	3,40%	3,47%	1,58%
2025	10,35%	14,36%	10,97%	9,42%	8,31%	-14,11%	21,58%	21,37%	27,31%
12 meses	13,30%	12,11%	11,08%	5,89%	9,20%	-2,38%	10,94%	10,95%	10,55%



Este documento foi produzido pelo Banco BNP Paribas Brasil S.A. ou por suas empresas subsidiárias, coligadas e controladas, em conjunto denominadas 'BNP Paribas Brasil', com fins meramente informativos não se caracterizando como oferta ou solicitação de investimento ou desinvestimento de ativos. O BNP Paribas Brasil é instituição financeira regularmente constituída e em funcionamento no país e devidamente autorizada pelo Banco Central do Brasil e habilitada pela Comissão de Valores Mobiliários para a distribuição de cotas de fundos de investimentos. A BNP Asset Management Ltda. é a instituição devidamente autorizada pela Comissão de Valores Mobiliários como prestador de serviços de administração de carteiras categoria gestor de carteira.

Apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, o BNP Paribas Brasil não se responsabiliza pela publicação acidental de informações incorretas, nem tampouco por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem sofrer mudanças a qualquer momento sem aviso prévio. Esse material não caracteriza nenhuma oferta de investimento. Antes de qualquer decisão de investimento, é obrigatório certificar-se sobre o seu perfil de risco X perfil de risco do produto pretendido, nos termos da regulamentação em vigor. Esse documento contém informações e declarações prospectivas referentes ao BNP Paribas Brasil e ao mercado em geral. Essas declarações não constituem fatos históricos e abrangem projeções financeiras e estimativas, bem como hipóteses sobre as quais estão baseadas declarações relativas a projetos, objetivos e expectativas relacionadas às operações, produtos e serviços futuros ou performances futuras. Essas declarações prospectivas podem ser identificadas pelas palavras «esperar», «antecipar», «acreditar», «planejar» ou «estimar», bem como por outros termos similares; Informações e opiniões contidas neste documento foram obtidas de fontes públicas por nós consideradas confiáveis, porém nenhuma garantia, explícita ou implícita, é assegurada de que as informações são acuradas ou completas, e em hipótese alguma podemos garantir a sua ocorrência. O BNP Paribas Brasil não assume qualquer compromisso de publicar atualizações ou revisões dessas previsões. Este documento foi produzido para uso exclusivo do seu destinatário, não podendo ser reproduzido, ao todo ou em parte, sem prévio consentimento do BNP Paribas Brasil. Caso V.Sa. não seja o destinatário pretendido, qualquer divulgação, cópia, distribuição ou qualquer ação conduzida ou omitida para que se baseie nisso, é proibida e pode ser considerada ilegal. O BNP Paribas Brasil não se responsabiliza por eventual perda causada pelo uso de qualquer informação contida neste documento. Leia a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

Em janeiro/2025, a Fitch Ratings reafirmou o Rating Qualidade de Gestão de Investimentos da BNP Paribas Asset Management Brasil Ltda. ("BNPP AM Brasil") para "Excelente". A Perspectiva do Rating é Estável. A reafirmação do rating 'Excelente' da BNPP AM Brasil reflete a opinião da Fitch de que a gestora tem capacidade de investimento e características operacionais fortes. Os Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos seguem uma escala Global e são atribuídos em escala descritiva de cinco graus que vão de "Excelente" até "Fraco". Os ratings mais elevados - 'Excelente' e 'Forte' - são aplicados a gestores de recursos que atendam ou excedam os padrões tipicamente aplicados pelos investidores institucionais nos mercados internacionais. A metodologia de Atribuição de Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos da Fitch Ratings foi projetada para sistematicamente capturar, avaliar e reportar os principais atributos da plataforma operacional e de investimentos de um gestor de recursos, focando cinco pilares principais: processo de investimento; recursos de investimento; gestão de riscos; desempenho do investimento; e companhia, incluindo atendimento aos clientes. Para obter informações adicionais sobre a metodologia, acesse o website da agência, 'www.fitchratings.com.br'.

Você poderá acessar a Ouvidoria pelo telefone – 0800-7Des15999 ou através do e-mail: ouvidoria@br.bnpparibas.com – O horário de funcionamento da Ouvidoria é de segunda-feira à sexta-feira, das 9h às 18h. Acesse: brasil.bnpparibas (Administrador) ou bnpparibas-am.com/pt-br (Gestor). MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. Outubro/2025. CP 32.2025

VIEWPOINT



BNP PARIBAS ASSET MANAGEMENT

O investidor sustentável para um mundo em mudança